

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 27 - número 53 - março 2018



Maine de Biran, *The Relationship between the Physical and the Moral in Man*, Edited and Translated by Darian Meacham & Joseph Spadola, Bloomsbury, London/Oxford/ New York/New Delhi/Sydney, 2016, 210 pp.

A primeira tradução em língua inglesa de uma obra de Maine de Biran data de 1929. Nesse dealbar do séc. XX, em época na qual o conhecimento do *corpus* biraniano se demorava parcial, apesar da sua importância se poder medir pela influência que havia exercido sobre pensadores do séc. XIX como F. Ravaisson, G. Tarde, ou H. Bergson, não terá espantado o leitor informado que o texto escolhido para aquela tradução precursora tenha sido *L'Influence de l'habitude sur la faculté de penser*. Por um lado, justificava-se a opção por se tratar do primeiro trabalho completo e sistemático do filósofo de Bergerac (e que viria a ser, se excetuarmos dois pequenos opúsculos, um dedicado ao pensamento de Leibniz, outro a uma abordagem crítica de alguns aspetos da obra de Laromiguière, o único publicado durante a vida do filósofo); por outro, o tema do hábito permitia só por si esclarecer o público inglês quanto à posição original de Maine de Biran entre as linhagens cruzadas do pensamento francês e as influências *escocesas*. Vertida para inglês por Margaret Donaldson Boehm e publicada na londrina Baillière & Co., esta tradução pioneira permaneceu a única de uma obra de Biran na língua de Shakespeare ao longo de oitenta e sete anos.

De facto, é apenas no final do ano pretérito de 2016 que uma segunda tradução inglesa de Biran sai do prelo: esta, justamente, que agora se recenseia para o público filosófico português. A ocasião deve ser saudada inequivocamente e sem receio de se lhe exagerar a importância, que não tem apenas a ver (o que já não seria pouco) com a interrupção de tão longo deserto editorial, mas também com a opção de divulgar, desta volta, junto dos leitores de língua inglesa um texto central do período mais original e vigoroso da filosofia biraniana.

Desde 2001, altura em que se concluiu a publicação das *Œuvres complètes de Maine de Biran* na monumental edição Vrin, dirigida por F. Azouvi, que o conhecimento global da obra de Biran se aprofundou definitivamente. Como primeira consequência desta nova situação, ficou claro, mesmo para o leitor mais desatento, a que ponto o texto da *Mémoire* sobre o hábito representava para o seu autor – como se pode ler numa entrada do seu *Journal* de outubro de 1823 – pouco mais do que um “esboço bastante informe”. O amplo continente biraniano que se foi revelando em cada página dos dezassete pesados tomos das *Œuvres* permitiu finalmente aquilatar o significado filosófico do rápido distanciamento autocrítico que Biran, logo após a publicação de *L'Influence de l'habitude*, cavou em relação a essa sua obra inicial. Tal apartamento traduziu a convicção – ressonância decisiva da revolução que se operou no pensamento de Biran entre 1802 e 1804 – de que aquela obra inicial permanecia ferida das limitações típicas de uma abordagem *ideológica*; e, nesta medida, assinalou também a que ponto os anos subsequentes à elaboração de *L'Influence de l'habitude* são aqueles em que, na expressão feliz de H. Gouhier, *Biran se tornou biraniano*.

O período que assim se abre (e que podemos situar, de modo certamente discutível, entre 1804 e 1812, datas que assinalam, respetivamente, a apresentação da versão premiada da *Mémoire sur la décomposition de la pensée* e o trabalho demorado em torno do *Essai sur les fondements de la psychologie*) é, efetivamente, o mais fértil, o mais original, o mais vigoroso e o mais inspirador (nomeadamente da contemporaneidade filosófica) da filosofia de Maine de Biran. É a este período que pertence o texto, sem dúvida um dos mais claros e vigorosos escritos por Biran, da *Mémoire de Copenhague*. Será, de facto, com *Rapports du physique et du moral de l'homme* que Biran responde ao repto científico da real Academia de Copenhaga que, em 1810, lança a concurso uma questão sobre “as relações entre a psicologia e a física”. A *Mémoire* será premiada no ano seguinte; e na lembrança dos seus leitores mais atentos terá certamente ficado inscrita a inusitada máxima que, a dada altura do texto, surpreende o leitor pelo tom provocatório: “Ô Psicólogo, protege-te da física”.

É da tradução deste texto, que uniu os esforços de J. Spadola e D. Meacham e recebeu edição cuidada na editora Bloomsbury, que agora se dá notícia. A tradução em apreço não oferece, deve assinalar-se, o aparato crítico minucioso da edição Vrin. No entanto, o volume tenta compensar esta lacuna albergando em redor da tradução propriamente dita dos *Rapports* um conjunto de trabalhos de reputados especialistas da filosofia biraniana. A organização coerente destes trabalhos, bem como o propósito comum de apresentarem, enquadrarem e explorarem aspetos centrais do texto de Biran resulta adequado a uma edição cujo escopo assumido é o de fornecer novos instrumentos de trabalho àqueles que, no espaço anglófono (nomeadamente estudantes e jovens investigadores), procuram uma aproximação sustentada e precisa ao universo filosófico de Maine de Biran.

Elenquemos, de modo aqui forçosamente breve, os referidos contributos.

Imediatamente depois do prefácio da responsabilidade de D. Meacham, surge o trabalho da autoria de Jeremy Dunham, que consiste numa tábua cronológica situando os momentos mais importantes do desenvolvimento do pensamento de Biran no quadro temporal da filosofia da época (pp. 19-23).

Segue-se a versão em língua inglesa do prefácio que F.C.T. Moore redigiu para a introdução do tomo VI da edição Vrin das *Œuvres de Maine de Biran* onde se encontra o texto de *Rapports* (pp. 25-31). Trata-se de um texto breve, mas rigoroso, que dá atenção ao contexto de redação da obra, às dificuldades filológicas que coloca e à complexidade do trabalho exigido pelo estabelecimento da versão base do texto a partir dos originais manuscritos. Continua-se o volume em consideração com a uma “introdução histórico-intelectual” da autoria de Delphine Antoine-Mahut, cujo objetivo principal é o de situar Maine de Biran no horizonte cultural, filosófico e científico do seu tempo (pp. 33-46). Embora com pontos de interesse, o texto não apresenta propriamente grandes novidades doxográficas e debate-se sempre com a equívoca e já definitivamente ultrapassada catalogação de Biran como expoente do “espiritualismo francês”. É este texto que antecede a tradução dos *Rapports* por J. Spadola (pp. 47-137).

Ao texto de Biran sucedem-se ainda mais três trabalhos. Destes, o primeiro é escrito por Pierre Montebello, um dos mais importantes e originais comentadores contemporâneos de Maine de Biran. Nesta ocasião (pp. 139-156), o seu contributo é duplamente importante: por um lado, oferece ao leitor uma demonstração convincente da profunda atualidade do texto dos *Rapports* ao fazê-lo participar, com força própria, nos hodiernos debates em torno do famoso *mind-body problema*; por outro, e de modo paralelo, a estratégia filosófica a que recorre revela-se ainda particularmente adequada para apresentar, com raro vigor e clareza, os problemas e os temas principais da *Mémoire de Copenhague*.

Segue-se o trabalho de Jeremy Durham, cujo escopo principal é o de analisar a especificidade da leitura biraniana de Leibniz (pp. 157-192). Trata-se de um texto com vários aspetos de interesse, dos quais se poderá eventualmente destacar a aplicação do conceito de “virtual” (pp. 176-181) ao contexto biraniano, embora se deva referir que os resultados de tão prometedora possibilidade teórica ficam apenas intuídos e não concretizados.

O último texto editado é da autoria de Pierre Kerszberg e alberga, como traço distintivo, a tentativa de mostrar a atualidade de Biran por relação ao horizonte fenomenológico contemporâneo (pp. 192-207). Intuito já procurado por vários autores, como por exemplo, R. Vancourt, esta aproximação é hoje autorizada não apenas pelas afirmações célebres de M. Merleau-Ponty ou M. Henry, que saudaram Biran como um precursor da fenomenologia, mas também pela influência que se reconhece ter sido exercida pelo biranismo em pensadores como P. Ricoeur, J. Patočka, ou Marc Richir. Não se tratando para o autor de fazer no seu estudo semelhante inventário, o interesse do texto parece-nos residir no modo como demonstra o fenómeno da experiência vivida, nos seus extratos mais profundos, que motiva as descrições e análises minuciosas do pensador de Bergerac.

Uma nota final para deplorar a ausência nesta edição de um índice de conceitos. Assumindo-se este volume como instrumento de trabalho atinente a uma apresentação filosófica fundamentada do biranismo, percebemos mal a ocasião perdida de uma listagem de conceitos fundamentais, que dariam ao leitor uma possibilidade acrescida de seguir o texto de Biran “por dentro” da sua riqueza conceptual.

Luís António Umbelino

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Unidade I & D CECH-FLUC.

lumbelino@fl.uc.pt

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_53_9